

NEOFASCISMO: A IDEOLOGIA POR TRÁS DAS REDES SOCIAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA GOVERNAR O BRASIL

¹ Fernando José Lopes, lopesfj2008@gmail.com

¹ Faculdade Flamingo - SP

RESUMO

O projeto busca entender o processo de adequação do fascismo e sua origem na Itália, bem como sua característica em determinado momento da história, remetendo à interpretação e utilização dessa ideologia na atualidade no Brasil. Cabe salientar que estamos em uma era digital, onde redes sociais colaboram para massificação da informação, assim como a propagação é, muitas vezes, mais rápida. O autoritarismo, por meio do neofascismo, foi propagado pelas redes sociais, criando uma situação, não apenas de insatisfação, mas de medo por parte dos indivíduos, no Brasil, e por isso é interessante pesquisar e demonstrar fatos ocorridos pelas redes sociais, para explicar essa manifestação ideológica no país. Para verificar se realmente as redes sociais contribuíram para a inserção da ideia de uma política baseada no Neofascismo, foi elaborado um questionário, buscando respostas que podem comprovar esse tipo de política ideológica e suas características no governo.

Palavras chave: Autoritarismo, Neofascismo, Redes Sociais, Brasil, Fascismo

Data de recebimento: 16/12/2020

Data de aceite: 20/12/2020

Data de Publicação: 30/12/2020

1. INTRODUÇÃO

Entendendo um pouco sobre o surgimento do Fascismo, ele surge após a primeira guerra

mundial, em 1917, como forma de doutrina e instaurado em 1922. Porém, segundo Mussolini, não havia uma, mas fatores que já eram disseminados nos partidos políticos da época. Portanto mesmo a doutrina não existindo, havia ideais desta orientação, que eram fortes entre os políticos da época.

Porém, deve-se tomar cuidado ao se afirmar que todo movimento reacionário é fascista. Se se observar a história na Roma antiga de Nero e de Calígula, ou ainda Esparta e, mais adiante, a Santa Inquisição, há aspectos de crueldade em seu domínio e forma de governar, não se tratando, necessariamente compostos por um modelo fascista.

Logo se trata de uma ideologia criada por conservadores, que eram contra o socialismo e, para isso, estudaram Marx, para compreender como funcionava sua doutrina, e a comparar aos ideais das classes dominantes conservadoras.

Conforme Paxton (2007, p.13)

O fascismo foi a grande inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos. As demais grandes correntes da cultura política do Ocidente moderno – o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo – atingiram forma madura entre o fim do século XVIII e meados do século XIX.

Isso impactou em uma crescente manobra para as massas populares se tornarem adeptas ao socialismo, após a publicação do livro “A luta de classes”, publicado na França em 1895. Karl Marx defendia que as massas iriam em favor do socialismo, fazendo com que a maioria dos votos fosse para o partido de esquerda socialista.

Já os adeptos da direita, antecipando isso, verificaram que podiam encontrar brechas no socialismo, que poderiam ser utilizadas contra eles mesmos.

Conforme Konder (1977, p. 8).

A direita não tinha interesse em se converter ao Marxismo, o que ela queria era importar do marxismo alguns conceitos, desligando-os do contexto em que tinha sido elaborado, mistificando-os e tornando úteis aos seus propósitos.

Em 1910, um ex-socialista, Benito Mussolini, passa para o lado da burguesia e começa a vender a teoria marxista com sua interpretação em prol das classes e de sua luta, neste caso, em favor da classe burguesa italiana.

Conforme Moura (2020, p.9).

Os problemas do indivíduo e do Estado, da autoridade e da liberdade, e de

todos que diziam respeito aos ideais revolucionários, foram sendo discutidos, isolada e fragmentariamente, até serem traduzidos pela legislação, que deu contornos mais definidos do regime.

O que se pode depreender é que, por trás do fascismo, já existiam ideias de transformação para controlar a população e fazer com que o regime ditatorial fosse instaurado e aceito pela população, e que para isso, o discurso dos políticos deveria ser convincente e, portanto, já se tramitavam ideias antes de que ocorresse de fato a ditadura por intermédio do fascismo.

O Fascismo significa “um movimento político e filosófico ou regime, como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922, que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador” (DICIO, 2020).

Os filmes de época tinham a missão de transmitir essa nova realidade, consolidando o fascismo, e fazendo com que o autoritarismo se tornasse cada vez mais forte por meio de doutrinas. Para tanto, Mussolini encomendou um filme chamado “Camisa Negra” para relatar as conquistas históricas da Itália entre 1914 e 1932.

Conforme Pereira (2008, p. 205);

O estado parlamentarista burguês mostrava-se incapaz de solucionar a crise social. Perante esta situação, Mussolini liderou a “Marcha Sobre Roma” e, da luta política, realizava-se uma resenha dos primeiros 10 anos do governo fascista. É neste momento que um ferreiro recobra a memória, quando um médico alemão passa para ele um cinejornal da vitória fascista.

Para compreender a ideologia, basta observar que esta é cercada de símbolos e de estratégias para incutir, nas pessoas, o real valor do ultranacionalismo, nesse caso, e mais, fazendo com que elas se rendam aos encantos da moral e da ética do politicamente correto, estabelecido pela ideologia. É o fenômeno de espetacularização dos encontros, onde uma reunião de gente sem grande projeção social, se estabelece pela força, pelo conjunto assustador e organizado.

Objetivo Geral: Trabalhar com o contexto histórico-político relacionado ao fascismo, o seu surgimento, desenvolvimento e formas de se apresentar, como fator ideológico e político no mundo.

Objetivos Específicos:

Buscar compreender como o neofascismo, por meio das mídias, é instaurado no perfil psicológico das massas;

Analisar mensagens subliminares como outro elemento de *reinforcement* desta prática; e,

Compreender o perfil comportamental e a ideologia política subjacente, na construção de um governo de natureza neofascista, mais especificamente, o do Brasil.

Problemática: Entender como se dão os processos autoritários do fascismo e sua ideologia, para fazer com que as massas, psicologicamente, venham a aderir a este tipo de modelo proposto.

Hipótese: Trabalhar com o contexto histórico do surgimento e do desenvolvimento do fascismo no mundo, para analisar se, em caso positivo, de que maneira o modelo traçado, por meio das informações via mídia, estabelece um aspecto comportamental/social nas massas, através de uma psicologia do comportamento, para convencer os indivíduos a aderirem à ideologia neofascista no Brasil.

Referencial teórico: GRUPO I: Autoritarismos: Poder e Cultura da Mídia: Análise de autoritarismos que instrumentalizaram, politicamente, os meios de comunicação, ou as produções culturais/educacionais, como instrumentos de propaganda psicológica e de controle da opinião pública.

Demanda a escolha de fontes da época dos autoritarismos, institucionais/oficiais, que permitam discutir a liderança autoritária-carismática, o Estado Espetáculo e/ou a sociedade-plateia.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – COMPREENDENDO O FASCISMO

O fascismo é um fenômeno político, de caráter ideológico, o qual muitos abominam, por causa dos seus métodos explosivos e de extrema repressão social, por isso muitos têm verdadeiro horror a essa ideologia política.

De acordo com Konder (1977, p.27).

O tema das origens do fascismo é excepcionalmente amplo. Alguns autores vão buscar precursores do movimento fascista e da sua ideologia no Renascimento (em Maquiavel), outros na idade média e outros até a antiguidade (Karl Popper chega até incriminar Platão).

Logo, é um movimento ideológico com características originárias da Antiguidade, que vão sendo adaptados de época em época, de acordo com as necessidades sociais temporais e utilizado como forma política ideológica. É interessante observar que o termo ditadura, no

Império romano, era um expediente com tempo delimitado, que poderia ser recorrente ou não, com aval do senado romano, onde um quidam (ou seja, qualquer um) podia ser investido de plenos poderes para governar e ‘dar um jeito’ no descontentamento geral.

Maquiavel, por exemplo, era dono de um sarcasmo incrível de ordem e poder, e avaliava a sociedade da época colocando o que era correto ou não seguir, de acordo com seus princípios. Algo complicado, pois, impensável de que forma pôr em prática a uma sociedade toda, a pensar da forma que apenas um indivíduo acredita ser adequado, ou seja, uma imposição ideológica do pensamento para justificar o correto sobre o justo.

Na Idade Média, reis e rainhas também eram excêntricos, e possuíam sua forma de conduzir seu reino sob sua ideologia de pensar; portanto, o fascismo é uma construção de várias facetas, através de aspectos históricos, que arquitetam uma ideologia, de acordo com o tempo e lugar, além da sociedade a qual está exposta a esse tipo de política.

As sociedades fascistas têm referências nos primórdios dos séculos XVIII e XIX, com seus tiranos Czares da Rússia, ou ainda reis e rainhas de vários lugares do mundo. O que é pertinente, nesse processo, é a existência de uma construção ideológica capaz de oprimir a sociedade ao qual é instaurada.

O fascismo italiano de Mussolini extraiu de Sorel muitos aspectos de sua concepção de violência, muito do seu entusiasmo pelos remédios heroicos, que retirou de Nietzsche, a sua ética aristocrática e do culto ao super-homem. O fascismo alemão de Hitler também aproveitou algo de Nietzsche e se apoiou, decisivamente, nas ideias racistas de Eugen Dühring(...). Na França(...) o racismo de Arthur de Gobineau contribuiu para instaurar a ideologia no país (KONDER, 1977, p. 28).

Conforme Sassoon (2009, p. 20);

A força real do Partido Fascista, tendo por parâmetro o número de membros, vinha aumentando ao longo de 1921 de forma constante. Em março deste ano, os fascistas eram 80 mil. Em junho, o partido contava 204 mil membros (62 % no Norte). Em maio de 1922, eram 322 mil os membros, e o Partido Fascista já se tornara o maior da Itália. Em 29, a virada ocorrera com sua inclusão no bloco nacional de Giolitti, na eleição de maio. Isso, de certo modo, os legitimou aos olhos de muitos pois, durante a campanha eleitoral, eles recrutaram membros substancialmente, numa velocidade maior do que nunca, a partir de março mais que duplicou seus integrantes e ao final de maio de 1921 chegou a 187 mil membros. Tal incremento concentrava-se, esmagadoramente, em certas regiões do norte e do centro da Itália, de maneira que as atividades fascistas pareciam muito mais importantes e de maior alcance do que se o apoio estivesse disseminado por toda a península. (Mas é preciso salientar que esta ‘simpatia’ era ganha junto aos indecisos e covardes, pela paulatina e constante ultra-violência aplicada, publicamente, e com a conivência da polícia, da Igreja... contra a esquerda: fato)

O fascismo crescia na Itália e se tornava, cada vez mais popular, com sua ideologia e forma de governo, por ser um partido violento que representava, ao mesmo tempo uma ameaça ao governo vigente, porém menos ameaçador para a burguesia, que a esquerda e, portanto, começou a angariar a simpatia de muitos seguidores para combater a entrada da esquerda no poder.

Segundo Sassoon (2009, p. 22);

A “Marcha sobre Roma” tornou-se seu mito fundador. Na verdade (...) fora pouco mais do que uma insignificante união de inocentes úteis, mas em seus reiterados relatos, a Marcha transformou-se num movimento revolucionário, a vanguarda dos italianos patriotas de todas as classes, preocupados e desalentados com a corrupção e a decadência do velho Estado liberal. Segundo essa narrativa, eles haviam se reunido em torno de um novo líder, Mussolini, e seu novo partido, o imaculado e incorruptível *Partito Nazionale Fascista*, que denunciavam a incapacidade das velhas classes governantes em fazer frente às grandes potências e restabelecer a grandeza da Itália.

O que se pode constatar é que toda ideologia fascista instaurada em algum lugar do mundo, teve modelos que o antecederam e, também, todos carregados com alguma característica que trazia algum tipo de maldade, seja pelo racismo, seja pela violência, seja por um modelo político alienação em relação ao conceito de homem perfeito e a família ideal, estereótipos sociais capazes de corromper as sociedades, no que diz respeito a pensar ou se expressar de forma livre. No século XIX, o termo *fascio* era utilizado por aglomerados populares, em prol dos interesses populares dos camponeses e liderados por socialistas denominados de esquerda. O *fascio* é de origem romana, e envergado, nos desfiles de triunfo e ovação da antiga Roma, pelos ‘pater familias’ (pais de família), que vinham à frente de seus familiares e escravos, ostentando um *Fascio de Lictor*, que consistia num feixe de gravetos para os fornos públicos em que os romanos assavam pão, gratuitamente cedidos pelo Estado, feixe este amarrado de certo modo junto com um machado. Daí o termo *fascio*, feixes, que Mussolini também usou como *fascio* de combate, ou seja, grupos (feixes) de combate, sua ‘polícia política’ que intimidava a esquerda e dissidências quaisquer.

Mussolini fez sua carreira no partido socialista; foi à guerra contra o império Austro-húngaro e voltou ferido, mas observou que essa grande massa popular, norteadada pelos socialistas, poderia ser de interesse para seus ideais de governar o país.

Para isso, apoiou os ex-combatentes de guerra, denominados por direita patriota, e chegou ao poder na Itália criando, em 1919, os *fasci de combattimento* que mais tarde daria origem à ideologia fascista italiana (KONDER, 1977, p. 32-34).

Ainda de acordo com Sassoon (2009, p. 39);

O novo espírito se encarnava nos soldados que retornaram. Esses veteranos constituiriam o caldo de cultura para a proliferação de violentas associações paramilitares de direita, das quais os fascistas recrutavam seus adeptos mais exaltados. Grande parte do simbolismo da extrema direita foi elaborada durante a guerra.

A direita é formada por extremistas ultranacionalistas; os militares apresentam este perfil de ordem e ética do politicamente correto, por isso fazem a diferença pois, além de serem heróis de guerra, inspiram as gerações e as pessoas que os rodeavam na Itália.

Conforme Sassoon também (2009, p. 39);

As camisas-negras usadas por seus seguidores tinham inspiração no uniforme das tropas de elite — os *arditi* —, idealizado no verão de 1917 pelo general Luigi Capello. O hino dos *arditi*, “*Giovinazza*” (Juventude), tornou-se o hino oficial do Partido Fascista. A própria palavra *fascio* (feixe ou maço) estivera em voga muito antes de Mussolini apropriar-se dela. Originou-se no *Risorgimento*, sendo posteriormente usada por movimentos de protesto de camponeses e operários esquerdistas, sobretudo na Sicília Ocidental — os *fasci siciliani* reprimidos no início da década de 1890 pelo primeiro-ministro Francesco Crispi. Em outubro de 1914, um grupo de sindicalistas de esquerda a favor da entrada na guerra fundou o *Fascio Rivoluzionario dazione Interna- zionalista*.

Conforme tratado anteriormente, o fascismo se origina de referências históricas e, aqui no caso, surgiu do que se chama socialismo conhecido como esquerda, mas que, em função de seus problemas de organização interna, forneceu chances para que a direita fascista se tornasse forte e chegasse ao poder na Itália e, também na Alemanha, pela mão de seus militares e políticos da época.

Segundo Sassoon também (2009, p. 39);

Posteriormente, em fevereiro de 1917, 80 parlamentares favoráveis à participação italiana na guerra constituíram o *Fascio Nazionale di Azione*, acolhendo não só conservadores como também reformistas socialistas como Bissolati e intervencionistas liberais como Luigi Albertini, editor do *Corriere della sera*. Finalmente, em dezembro de 1917, uma grande frente de parlamentares nacionalistas (mais de 150 deputados e 90 senadores), entre eles Salandra, formou o *Fascio Parlamentare di Difesa Nazionale*. Foram saudados por Mussolini como “os 152 deputados fascistas”.

A ideia desta parte do texto é a de esclarecer que o fascismo tem origens históricas, que foram adaptadas a cada época, e formas de utilização para seus determinados fins em relação ao caráter ideológico bem como, e também, de poder e autoridade sobre determinados países no mundo.

2.2 – NEOFASCISMO NA AMÉRICA LATINA

O fenômeno neofascista, na América Latina, ocorreu em vários países, Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, após a Segunda Guerra, quando vários membros nazistas, alguns, criminosos de

guerra, para cá vieram para se esconderem e criaram uma resistência no Sul do Brasil, Norte da Argentina parte do Paraguai e do Uruguai, onde já habitava um considerável contingente de origem alemã, austríaca, italiana do norte, húngaros, japonese e, ainda, de outras nações da Europa pró nazista.

Juntamente com eles, vieram hábitos, costumes e ideologias pertencentes ao ideário do nazifascismo e, a partir do momento em que essa cultura é enraizada, por exemplo no sul do Brasil, os descendentes destes imigrantes vão perpetuar e expandir esta doutrina.

As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto (ARENDR, 2012, 438).

Em cada país, desde o surgimento do fascismo, existia uma tensão permanente entre esta perspectiva internacional e as condições locais, as quais determinam a possibilidade destes movimentos fazer com que houvesse uma propagação de partidos mais estruturados e populares e, assim, chegar ao poder e se multiplicar.

A multiplicação de casos nacionais permite, deste modo, uma análise comparada com outras realidades potencialmente observadas em outros lugares (SAVARINO, 36).

A existência do neofascismo nestes países sul-americanos era real e observada de perto, devido ao término da II Guerra Mundial e à imigração destes indivíduos, vindos da Alemanha, Itália e de outros países, dissidentes ou até simpatizantes da ideologia nazifascista.

Em essência, estes movimentos atuais, em um mesmo espaço (no mundo ocidental, com ênfase na Europa e nas Américas, com desdobramentos no restante do planeta) o que deve ser observado é que carregam com eles características ideológicas vindas do modelo europeu (SAVARINO, 36).

O fascismo é recriado de acordo com o lugar, hábitos, costumes e forma social; vai se reinventando e buscando elementos autoritários do passado, capazes para conseguir manobrar as massas de forma psicológica, introduzindo sua vontade por meio de normas e do que afirma ser bons costumes da família.

Vários fascismos superaram a dicotomia direita/esquerda. Incorporaram novos elementos ao

corpo de direita e, ao invés de retornarem a um passado glorioso, preferem fazer uma revolução gerando valores apreciados pela direita, sendo modernos e trabalhando com a nova sociedade e as massas; para eles é interessante, principalmente, pelo mundo estar em um período difícil socialmente e politicamente (SAVARINO, 36).

Assim, o fascismo, ou melhor, neofascismo na atualidade, se aproveita de um momento de desequilíbrio psicológico das massas, para utilizar uma falácia capaz de incutir, na cabeça das pessoas que a coisa certa é a proferida por eles; isso acontece através dos políticos e dos governantes e líderes sociais.

Na América Latina, sempre houve várias comunidades italianas e de movimentos e regimes fascistas autoritários, potencialmente adequados a aliança com Roma: os esforços fascistas para tal foram intensos. As embaixadas e consulados se multiplicaram na América, principalmente no Brasil, na Argentina e Uruguai. A propaganda do fascismo local fez com que outros movimentos fascistas se proliferassem (SAVARINO, 38).

Como explicar essa espetacular ascensão da extrema-direita e do neofascismo, não somente em forma de governos, mas também de partidos políticos, que ainda não governam, mas tem ampla base eleitoral e influenciam a vida política do país (França, Bélgica, Holanda, Suíça, Suécia etc.)? É difícil propor uma explicação geral para fenômenos tão diferentes, que são expressões de contradições específicas de cada país ou região do mundo. Mas, como se trata de uma tendência planetária, é necessário pelo menos examinar algumas hipóteses (LOWY, 2019).

Essa tendência, tal como Lowy afirma, tem sido observada em todo o mundo; porém não se deve esquecer de que se trata de uma forma ideológica, que se adapta às sociedades, de acordo com suas características próprias, impondo o autoritarismo e fazendo com que as massas os idolatrem e os sigam como sendo a verdade.

O contágio mental, em uma multidão, se dá pelo sentimento de que, onde este indivíduo associa o seu querer, que muitas vezes não tem coragem de exprimir individualmente, e nem sempre é o que deseja, em coletividade toma força, levando-o a obedecer as sugestões e perder, muitas vezes, sua personalidade (LE BON, 2008, 35).

A mais evidente, e sem dúvida pertinente evidência, é que a globalização capitalista – que é também um processo de brutal homogeneização cultural – produz e reproduz, em escala mundial, formas de “pânico identitário”(o termo é do crítico marxista francês Daniel Bensaïd), alimentando manifestações nacionalistas e/ou religiosas intolerantes e favorecendo conflitos étnicos ou confessionais. Quanto mais a nação perde seu poder econômico devido à globalização, tanto mais se proclama a imensa glória da Nação “Acima de Tudo” (LOWY, 2019).

O que leva ao surgimento de ideologias, tal como o Neofascismo, muitas vezes é a insatisfação

dos indivíduos em relação ao governo, à economia, à política dentre outros fatores, fazendo com que acreditem em jargões nacionalistas que por trás deles, apresentam interesses financeiros e políticos, além do poder.

Outra explicação seria a crise financeira do capitalismo, iniciada em 2008, e suas consequências: depressão econômica, desemprego, marginalização. Esse fato foi, sem dúvida, importante para a vitória de Donald Trump, bem como de Jair Bolsonaro, mas é bem menos válido para a Europa: em países ricos, menos afetados pela crise, tal como Suíça e Áustria. Lá a extrema direita tem um grande poder, enquanto que nos países mais atingidos pela crise, como Portugal, Espanha e Grécia.

Por fim, deve-se compreender que a esquerda ou a centro-esquerda é hegemônica, enquanto a extrema-direita é periférica. Esses dois processos se dão em um contexto de sociedade capitalista, onde o neoliberalismo opera, desde os anos 1980, aprofundando as desigualdades e as injustiças sociais, e concentrando riquezas – tal como ocorria no capitalismo liberal pré-1929.

É importante observar que, em países com uma cultura capitalista e uma diferença social grande, as chances de se implantar o fascismo se torna mais fácil, devido à fragilidade e à falta de compreensão dos processos de comunicação, além da carência de cultura para discernimento de, por exemplo, mensagens e notícias que, muitas vezes, podem ser falsas: as famosas fake news.

2.3 – NEOFASCISMO E AS REDES SOCIAIS NO BRASIL ATRAVÉS DAS FAKE NEWS

O fenômeno Bolsonaro tem muito em comum com esta vaga planetária “marrom” (cor da camisa das milícias nazistas dos anos 1930). Mas há algumas diferenças importantes, quando comparamos, por exemplo, com a Europa: em vários países europeus, existe uma continuidade política e ideológica entre movimentos neofascistas atuais e o fascismo clássico dos anos 1930, mas esse não é o caso no Brasil.

O fascismo brasileiro, denominado Integralismo, chegou a ter bastante peso nos anos 1930, inclusive influenciando o golpe do Estado Novo em 1938. Mas o fenômeno Bolsonaro tem pouca ou nenhuma relação com essa matriz antiga; pouquíssimos entre seus partidários sabem o que foi o Integralismo (LOWY, 2019).

Não é de hoje que mentiras são divulgadas como se fossem verdades, mas foi com o advento das redes sociais que esse tipo de publicação se popularizou. A imprensa internacional começou a usar, com maior frequência, o termo *fake news* durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump se tornou presidente.

Fake news é um termo em inglês, e é usado para se referir a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais (<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>).

Conforme Pereira (2016 apud Braga 2018, p. 204).

A Internet tornou possível disponibilizar conteúdo com custo muito reduzido e potencial de alcance que até então era inimaginável. Além de os meios de acesso a conteúdo on-line estarem bem difundidos entre a população (em 2016 o Brasil tinha 168 milhões de smartphones em uso, sem considerar outros terminais que podem se conectar à internet).

A ideia de tal prática é distorcer a informação, fazendo com que os aliados sejam ovacionados, e tendo credibilidade política, já os opositores ou os perseguidos, serem massacrados, ao menos na mídia, e serem descredenciados.

De acordo com Pereira (2016 apud Braga 2018, p. 204).

Especificamente no Brasil outro fator fez com que o papel da internet nas campanhas políticas fosse ainda mais importante. Como relata Rodolfo Viana, o Brasil é marcado por forte intervencionismo em matéria de propaganda eleitoral, chegando ao ponto de o entendimento jurisprudencial majoritário inverter a lógica esperada para a comunicação, ou seja, ao invés de pautar-se pela liberdade e aceitar como válidas todas as formas de manifestação não vedadas, proíbe manifestações que não sejam expressamente autorizadas.

Ao contrário da maioria da extrema direita europeia, Bolsonaro não fez do racismo sua principal bandeira. Certo, algumas de suas declarações tinham claro caráter racista, mas não foi o tema central, mobilizador, de sua campanha (LOWY, 2019).

Ele se encontrava voltado contra a esquerda e o caos que o PT tinha deixado o governo em seus 16 anos de mandato; tanto é fato, que não existia um plano de governo e os debates foram evitados ao máximo na corrida eleitoral.

O tema da luta contra a corrupção está presente no discurso da extrema direita europeia, mas de forma marginal. No Brasil, é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: levanta-se a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares.

Bolsonaro conseguiu manipular este sentimento legítimo de indignação contra os políticos corruptos para se impor, e venceu a disputa de opinião na sociedade, ao identificar (falsamente) o PT, como o núcleo do sistema político do Estado brasileiro, e como o principal responsável pela corrupção (LOWY, 2019).

A bandeira do candidato ao governo era, exatamente, essa: culpar o PT (Partido dos Trabalhadores), caracterizado como de esquerda, de todo e quaisquer problemas acumulados, historicamente, na política do Brasil.

Neste caso, trata-se de uma referência a uma experiência real do passado, no caso brasileiro. O discurso violentamente anticomunista de Bolsonaro nada tem a ver com a realidade brasileira presente ou passada.

E é tanto mais absurdo, quando se considera que a Guerra Fria acabou há várias décadas; a União Soviética não existe mais; e o PT, obviamente, nada tinha a ver com o comunismo (em qualquer definição possível deste termo) (LOWY, 2019).

Conforme Moura (2018, p. 28);

No relacionamento do movimento com a população, Paxton (2007) enfatiza o papel que a propaganda exerceu durante estes governos. Tanto o fascismo como o nazismo se destacam dos demais partidos de sua época por fazer uso intensivo e constante da propaganda, com a intenção de envolver a população e aproximá-la da ideologia dos governos. Após chegarem ao poder, ambos construíram extensas estruturas para a elaboração da propaganda, juntamente com a formação de amplas redes para a divulgação ideológica, como afirma em:

As Fake News, nesse processo de construção de uma imagem neofascista, que serve como exemplo do cidadão de bem e da família exemplar, foi colocada sempre à frente em todas as propagandas e divulgação do candidato ao governo, fazendo com que as massas se rendessem às falácias e acreditassem na ideologia, colocada como verdadeira, no país.

As massas, quando bem trabalhadas por meio das notícias falsas, são comandadas e manobradas para que façam aquilo que os fascistas querem e estes, neste nosso contexto.

Utilizando a fragilidade social por meio das Fake News, conseguem impor sua vontade em relação aos indivíduos em uma sociedade.

Gasset (2007, p. 89) explica que os indivíduos vivem em um processo da criança mimada, diagrama psicológico que trata de sua expansão de seus desejos vitais e da ingratidão; o perfil psicológico das massas seguidoras de modelos ideológicos políticos tem essa característica,

inclusive referente ao atual governo no Brasil.

Enquanto boa parte da extrema direita, em particular na Europa, denuncia a globalização neoliberal, em nome do protecionismo, do nacionalismo econômico e do combate à “finança internacional”, Bolsonaro propõe um programa econômico ultraliberal, com globalização em maior escala, mais mercado, maior quantidade de privatizações, além de um completo alinhamento com o Império norte-americano.

Isto lhe garantiu, sobretudo no segundo turno, o apoio decisivo das forças do capital financeiro e industrial, assim como da área do agronegócio. A oligarquia capitalista brasileira preferia outro candidato, mas, ao se dar conta que Bolsonaro era o único capaz de vencer o PT, aderiu massivamente a ele (LOWY, 2019).

E foi o que fez, através das Fake News, com a propagação em massa de mentiras deslavadas contra o partido de esquerda. Obviamente, nem todas são inverdades, mas, maximizadas, inflaram a população em massa, fazendo com que sua intenção de voto fosse para o partido de extrema direita.

Marilena Chauí também publicou, no mesmo site, um artigo muito interessante sobre os autoritarismos de nossa época. Ela recusa o termo “fascismo” para esses novos fenômenos, preferindo o conceito de “totalitarismo neoliberal”.

Segundo Chauí, o fascismo era militarista, imperialista e colonialista, o que não é o caso dos atuais regimes autoritários. Me parece um equívoco, pois há vários exemplos de fascismos do passado sem vocação imperialista, o franquismo espanhol, por exemplo (LOWY, 2019).

O fascismo, conforme afirmado anteriormente, vai se adaptando às condições e ao tempo para ser utilizado sendo, na atualidade, muito mais virtual que presencial, mas influenciando diretamente no modo e na forma de vida dos indivíduos em uma sociedade.

Sua postura não aceita outra ideologia que não seja a dele, portanto, a verdade sempre estará com eles e por isso não aceitam nenhum tipo de ideia que seja diferente ou discrepante daquelas que incutem na cabeça das pessoas.

Os conselheiros são autodidatas, que se formaram lendo manuais e odeiam cientistas, intelectuais e artistas, aproveitando-se do ressentimento que a extrema direita tem por essas figuras.

Uma vez que são desprovidos de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos, empregam a palavra “comunista”, sem qualquer sentido preciso: comunista significa todo pensamento e toda ação que questione o *status quo* e o senso comum (por exemplo: que a terra é plana; que não há evolução das espécies; que a defesa do meio ambiente é mentirosa; que a teoria da relatividade não tem fundamento, etc.).

São esses conselheiros que oferecem, aos governantes, os argumentos racistas, homofóbicos, machistas, religiosos etc., isto é, transformam medos, ressentimentos e ódios sociais silenciosos, em discurso do poder e justificativa para práticas de censura e de extermínio” (LOWY, 2019)

Os fascistas buscam pessoas (seguidores) que não pensem, mas que executem aquilo que para eles é o certo; que faz com que fiquem no poder pelo autoritarismo e que, se possível, os perpetuem no poder.

3 – METODOLOGIA

Construiu-se uma metodologia para responder ao objetivo do estudo. Realizou-se uma pesquisa quantitativa, com análise de dados por meio de um questionário com 20 questões, buscando respostas referentes ao neofascismo disseminado pelas Fake News, através das mídias, para se buscar respostas ao atual governo no Brasil.

Participaram dela 207 pessoas, que responderam ao questionário independentemente de sua ideologia partidária, sexo, raça ou crença; portanto, uma pesquisa para todos: ela ainda buscou a opinião de várias camadas sociais, sem discriminação de *status* social e de idade.

Lakatos e Marconi (2010) apresentam a definição de técnica como “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática”, sendo fato sabido que toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos.

Segundo eles, além dos métodos específicos das Ciências Sociais, tal como o de abordagem e de procedimento, o método qualitativo e o quantitativo também são muito importantes nas investigações científicas.

O último se caracteriza, principalmente, por empregar instrumentos estatísticos, tais como percentuais, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, dentre outros. Além disso, Lakatos e Marconi (2010) também afirmam que ‘a forma de coleta e a análise de dados também diferem de um método qualitativo.’

Naquele, os pesquisadores se valem de amostras amplas e de informações numéricas, ao passo que, no qualitativo, “as amostras são reduzidas, os dados são analisados em seu psicossocial e os instrumentos de coleta não são estruturados.” (Lakatos e Marconi, 2010).

A metodologia, de uma maneira geral, engloba dois momentos distintos: a pesquisa/coleta de dados e a análise/interpretação, quando se procura investigar determinado assunto.

A fim de viabilizar a análise estatística, as questões dicotômicas, relacionadas a uma mesma variável, dentro de um *constructo* foram agrupadas, utilizando-se a Escala Likert de 0 a 100 pontos.

O uso de escalas numéricas, oriundas de questionários em uma abordagem quantitativa, “visa obter análises que não estariam, imediatamente, disponíveis por meio de registros formais, ou da simples observação do fenômeno a ser estudado.” segundo Hair et. al (2005).

4 – RESULTADOS

O questionário buscou responder se as Fake News colaboraram, ou ainda, interferiram de alguma forma para a ascensão do novo governo que está no poder, no Brasil, sob o comando do presidente Jair Bolsonaro e se tal governo guarda alguma característica neofascista, sendo aceito ou não pelas massas populares. Participaram desta pesquisa 207 pessoas como foi citado anteriormente sem distinção de classe, cor, partido ou ideologia.

De acordo com a pesquisa, 58,3% dos indivíduos que responderam são do público feminino, enquanto 41,7% são do masculino. Ela ainda buscou respostas junto a trabalhadores de várias áreas da sociedade conforme tabela 1.

Tabela 1 – Qual o ramo de atuação da sua empresa?

Educação	58,60%
Comércio	15,70%
Indústria	9,40%
Saúde	9,40%

Governo	7,90%
---------	-------

Fonte: Próprio autor

Outros elementos são importantes de se observar na pesquisa em relação às mídias na construção das Fake News e, para isso, foram analisados alguns aspectos tais como a quantidade de horas que os indivíduos passam utilizando a rede social e o tipo de rede social, bem como também, se as notícias propagadas pela internet influenciam, de alguma forma na sua opinião: é o que será exposto a seguir na tabela 2.

Tabela 2: Quais destes aplicativos você utiliza mais?

Facebook	15,90%
Instagram	8,70%
Linkedin	1,50%
WhatsApp	69,60%
Twiter	4,30%

Fonte Próprio autor

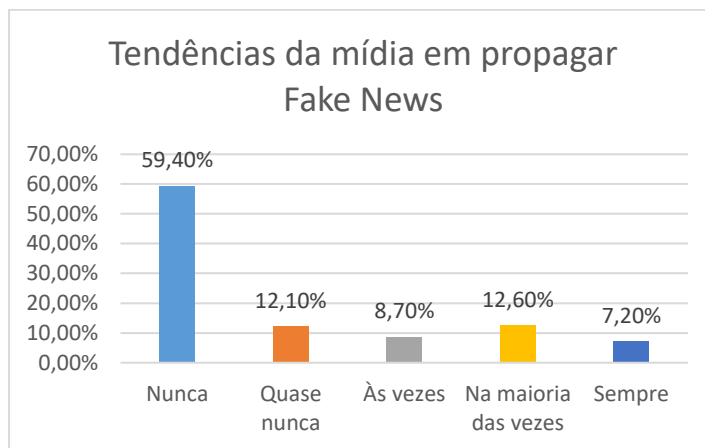
O que se pode constatar é que a maioria dos respondentes utilizam, com maior frequência, o WhatsApp 69,6%, seguido do Facebook 15,9% e o Instagram 8,7%; poucos utilizam o LinkedIn, aplicativo relacionado a empregos e aspectos profissionais e corporativos, e o Twiter, canal para posts para falar e se comunicar.

É pertinente ressaltar que todos os 207 respondentes da pesquisa utilizam um dos aplicativos e a internet. É um dado importante, pois para tratar das Fake News, precisa-se utilizar algum aplicativo relacionado à internet, rádio ou TV, que é o objeto de estudo, quando se trata de rede social.

Por estranho que pareça, a maioria dos indivíduos que responderam que acompanham as notícias, na maioria das vezes pela TV, é de cerca de 42,3%, pela internet 34,8%, e 22,9, pelo rádio.

Uma vez que as notícias são propagadas pelos meios de comunicação, foi perguntado se estas eram tendenciosas na formação da opinião das pessoas e se as Fake News estão presentes nesse processo de comunicação como será exposto no gráfico 1.

Gráfico 1: Você acredita que as mídias são tendenciosas na opinião das pessoas através das Fake News?



Fonte: Próprio autor

O que se pode observar é que as notícias propagadas pelas mídias, segundo os respondentes, são tendenciosas a propagar Fake News; conforme as respostas, 11,3% alegam que sempre propagam mentiras; para 44,6%, quase sempre; para 37,7%, às vezes; apenas 3,4% falaram que quase nunca; e, 2,9% acreditam em todas as notícias propagadas pela mídia.

Sobre outra pergunta, foi feita a respeito da influência das Fake News propagadas pelas mídias, para a escolha de um candidato ou ideologia política para liderar uma nação, conferir as respostas na tabela 3.

Tabela 3: Na política e na ideologia as mídias são tendenciosas na escolha de um candidato ou crença através das Fake News?

Nunca	3,90%
Quase nunca	3,90%
Às vezes	29,00%
Na maioria das vezes	43,30%
Sempre	20,30%

Fonte: Próprio autor

O que se pode observar é que 20,3% dos respondentes acreditam que sempre as Fake News são tendenciosas para a escolha de um candidato e ideologias são importantes; 43,3% acreditam que, quase sempre, são tendenciosas; 29%, às vezes; apenas 3,9%, quase nunca; e, 3,9%, nunca. Importante observar que a pesquisa trata da relação da Fake News e de sua propagação de uma ideologia Neofascista no governo do Brasil, que é o tema exposto nos próximos dados que foram analisados.

35,8% dos respondentes não acreditam que vivemos em uma democracia; 34,8% acreditam que às vezes; 29,5%, às vezes ou sempre. Portanto, a maioria se manifesta em dúvida, ou não

acredita que vivemos em uma democracia.

Foi perguntado, ainda, se os indivíduos conheciam algumas das ideologias expostas no questionário (não foi colocado o socialismo, por se tratar de algo específico de alguns países, tal como Cuba, por exemplo, nem sobre o comunismo, que também tem particularidades em alguns países, tal como China).

Uma vez que a pesquisa era sobre o Brasil e o atual momento, foram tratadas ideologias vindas da Europa e sua propagação na América, mais especificamente, no Brasil.

A ideologia mais conhecida no Brasil é o Nazismo; 49,5% dos respondentes conhecem, mesmo que apenas de nome; 2,5%, o Neonazismo; 29,5%, o Fascismo; 3,5%, o Nazifascismo; e, 15%, o Neofascismo, o objeto de pesquisa deste artigo.

Para isso, foram trabalhadas três questões chave no processo de busca pelas respostas sobre o Neofascismo no Brasil. A primeira pergunta se encontra relacionada a ‘estar sendo instaurado, no Brasil, tal ideologia’. Confira-se, na tabela 4, as respostas obtidas.

Tabela 4: Você acredita que o Neofascismo está sendo implantado no Brasil?

Nunca	9,30%
Talvez	19,60%
Aos poucos	27,50%
Está mas de forma disfarçada	25,50%
Sim de forma clara	18,10%

Fonte: Próprio autor

O que se pode observar é que a maioria dos respondentes ao questionário acreditam que o Neofascismo está sendo instaurado no Brasil de forma clara, 18,1%; de maneira disfarçada, 25,5%; aos poucos, para 27,5%, enquanto 19,6% ainda tem dúvidas; e, apenas 9,3% não acredita que ele está sendo instaurado.

Mas, para ser instaurado no Brasil, o Neofascismo precisa ser comunicado através das mídias e, para isso a pergunta, foi feita a pergunta sobre se as Fake News colaboravam para isso acontecer. No gráfico 2 as suas respostas a tal pergunta.

Gráfico 2: Você acredita que o Neofascismo pode ser propagado pelas mídias através de Fake News?



Fonte: Próprio autor

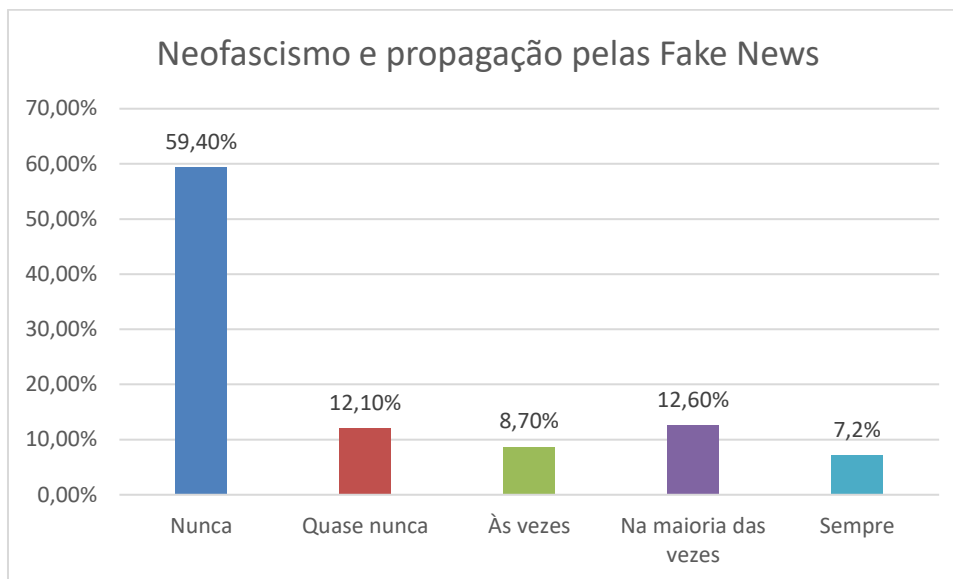
É importante observar que a maioria dos respondentes acreditam que o Neofascismo pode ser propagado pelas Fake News, sendo 28,8% sempre, 31,2% na maioria das vezes, 34,6% as vezes e apenas 3,4% quase nunca e 2% nunca, fica clara que a propagação na opinião dos respondentes é feita pelas mídias e através de Fake News.

Outras perguntas foram formuladas a respeito do governo, e quanto a sua suposta ideologia neofascista estar por trás da forma de governo no Brasil. 27% dos respondentes acreditam que o governo apresenta traços neofascistas sempre; 36,8%, na maioria das vezes; 26%, às vezes; 2,5%, quase nunca; e, 7,8%, nunca. Uma vez mais, a resposta dos respondentes faz com que se venha a cogitar que o atual governo do Brasil apresenta traços neofascistas.

Outras perguntas relevantes foram efetuadas, tais como se o neofascismo poderia ser adaptado para uma forma de governo no Brasil, ou se se trataria da melhor forma para se governar o país.

Na maioria das vezes, ou quase sempre, os respondentes acreditam que não; 61,3% acreditam que o Neofascismo não pode ser adaptado às condições de governar o Brasil; e, sob a outra pergunta, 80,4% acredita que este modelo nunca seria a melhor forma de governar o Brasil. Portanto, baseando-se nestes dados, a pergunta final foi a seguinte conforme gráfico 3.

Gráfico 3: Este governo é aquilo que você esperava como forma de conduzir uma nação?



Fonte: Próprio autor

Após estas análises, por meio da coleta de dados e por intermédio de questionário, se pôde observar, de maneira imparcial, que as Fake News influenciam, por obra de sua propagação nas mídias, não apenas a ideologia, mas também a elevação de um candidato a um cargo na política e que, muitas vezes, a forma de governo não é a mais adequada para se dirigir um país.

A pesquisa trabalhou com pessoas de várias classes sociais, idades, ideologias partidárias, raças e credos para que não se permitisse maquiagem, nem se propor, de alguma forma, a parcialidade por escolhas, ou ainda, manipular os resultados.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto elaborado foi baseado em fatos apresentados historicamente. Não necessariamente em todos os seus aspectos, mas que, de forma prática, pela sua leitura se pode compreender a ideia do surgimento do fascismo e sua transformação durante o tempo nas sociedades, sejam elas contemporâneas ou modernas.

A proposta foi a de trazer a ideia do que se trata o fascismo, onde ele ocorre e porque se transforma, de sociedade para sociedade, levando a chegar na atual política do Brasil.

Outro fator importante a ser observado é o de que o Fascismo sofre mutação de sociedade para sociedade, mas sempre carrega com ele elementos de outros países, que já tiveram esse modelo, bem como também é atemporal podendo ser utilizado das mais variadas formas em qualquer

lugar do mundo.

O Fascismo Italiano é propagado, na atualidade, como Neofascismo, em nações na América e do mundo. Aqui, no Brasil, como se pode observar está sendo instaurado, aos poucos, de forma disfarçada, e também propagado pelas Fake News, que tentam confundir e fazer com que as pessoas acreditem em uma ideologia com valores que, na verdade, não são os que seriam os mais adequados.

O texto também trouxe também um breve relato sobre como está sendo o atual governo do Brasil e como ele chega ao poder, com características que o Fascismo tem, em sua essência, pela manobra das massas pelas redes sociais e as fake News, que disseminaram falácias, fazendo com que ele viesse a ser constituído.

Um governo que, muitas vezes, apresenta o viés de crueldade, de perseguição, de reformas discutíveis, de manipulação das grandes massas pelas redes sociais e, no processo de comunicação, disseminando autoritarismo; retirando a liberdade de expressão das massas; e, propondo um modelo de normas dos bons costumes atrelados aos interesses das elites.

Por outro lado, conforme foi relatado, o suposto socialismo foi esmagado de forma drástica pelo candidato, que está se encontra atualmente no poder, por meio das Fake News e de seus assessores e aliados, em prol de uma direita rígida.

A pesquisa evidencia que os respondentes não estão satisfeitos com o atual governo e que o Neofascismo não é um caminho para se ter uma nação feliz e satisfeita e, mais ainda, que estas mentiras propagadas pelas redes sociais, são capazes de influenciar as pessoas nas escolhas relacionadas à ideologia de governo de um país.

A discussão não se encerra aqui, já que se trata apenas de um ensaio para que, futuramente seja aprimorado, por meio de mais dados quantitativos e qualitativos para se possa chegar a uma abordagem mais rigorosa sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FASCISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020.

Disponível em: . Acessado dia 05-12-2020.

Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Julho/ Agosto/ Setembro de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 3 ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br Acessado dia 14-05-2020.

Franco Savarino Roggero y João Fábio Bertonha. *El fascismo en Brasil y América Latina: ecos europeos y desarrollos autóctonos /* coordenadores. – México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.

Hair, J. F., Babin, B., Money, A. H. & Samouel, P. *Fundamentals of management research methods* [M]. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. *Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa* [M]. São Paulo: Atlas, 2010.

LOWY, Michael. *Neofascismo : um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro* <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2019/outubro/19.10-Neofascismo-e-Bolsonaro.pdf>. Acessado dia 14-12-2020.

MOURA, G. de Almeida. *O fascismo italiano e o estado novo brasileiro*, <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/fascismoit.pdf> Acessado dia 20-06-2020.

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEREIRA, Rodolfo Viana. *Ensaio sobre o ódio e a intolerância na propaganda eleitoral*. In: KIM, Richard Pae; NORONHA, João Otávio de. *Sistema político e direito eleitoral brasileiro: estudos em homenagem ao Ministro Dias Toffoli*. São Paulo: Gen/Atlas, 2016

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003. Editora UFPR

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O império das imagens de Hitler: O projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazi-fascista na Europa e na América Latina (1933 – 1955)*. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29092008->

[172531/publico/TESE_WAGNER_PINHEIRO_PEREIRA.pdf](#) Acessado dia 17-05-2020.

TRAVERSO, Enzo. *Interpretar o fascismo: Sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emílio Gentile*. In. QUADRAT, S. & ROLLEMBERG, D. (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*. Vol I. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

ZEEV Sternhell, *La droite révolutionnaire. Les origines françaises du fascisme (1885-1914)*, Paris, Editions du Seuil, 1978.

NEOFASCISM: IDEOLOGY BEHIND SOCIAL NETWORKS AND ITS CONTRIBUTION TO GOVERN BRAZIL.

¹ Fernando José Lopes, lopesfj2008@gmail.com

¹ Faculdade Flamingo - SP

ABSTRACT

The project seeks to understand the process of adapting fascism and its origin in Italy, as well as its characteristic at a certain moment in history, referring to the interpretation and use of this ideology in Brazil today. It is worth noting that we are in a digital age, where social networks collaborate for the massification of information, as well as the propagation is many times faster. Authoritarianism by neofascism was propagated by social networks creating a situation not only of dissatisfaction, but of fear on the part of individuals in Brazil and that is why it is interesting to research and demonstrate facts that occurred through social networks to explain this ideological manifestation in the country. In order to verify if social networks really helped the insertion of the idea of a policy based on Neofascism, a questionnaire was created looking for answers that can prove this type of ideological policy and its characteristics in the government.

Keywords: Authoritarianism, Neofascism, Social Networks, Brazil, Fascism